

**JORGE GRACIA: 'A INTUIÇÃO SOBRE O SER FEZ DE TOMÁS DE AQUINO,
PARA SEMPRE, UM DOS METAFÍSICOS MAIS IMPORTANTES QUE O MUNDO
NOS DEU'.**

por Paulo Faitanin – UFF



Jorge J. E. Gracia

Jorge J. E. Gracia é Professor Titular da Cátedra Samuel P. Capen Chair em Filosofia e Emérito na Universidade Estadual de Nova York. Foi educado em Cuba, nos Estados Unidos, Canadá e Espanha. Seu Doutorado foi em Toronto. Jorge Gracia é cidadão canadense e americano, mas nasceu em Cuba 1942. Gracia é autor de quatorze livros: *Surviving Race, Ethnicity, and Nationality: A Challenge for the Twenty-First Century* (2005), *Old Wine in New Skins: The Role of Tradition in Communication, Knowledge, and Group Identity* (2003), *¿Qué son las categorías?* (2002), *How Can We Know What God Means? The Interpretation of Revelation* (2001), *Hispanic/Latino Identity: A Philosophical Perspective* (2000), *Metaphysics and Its Task: The Search for the Categorical Foundations of Knowledge* (1999), *Filosofía hispánica* (1998), *Texts: Ontological Status, Identity, Author, Audience* (1996), *A Theory of Textuality: The Logic and Epistemology* (1995), *Philosophy and Its History: Issues in Philosophical Historiography* (1992), *Individuality: An Essay on the Foundations of Metaphysics* (1988), *Introduction to the Problem of Individuation in the Early Middle Ages* (1984, 1986), *The Metaphysics of Good and Evil According to Suarez* (1989), and *Suarez on Individuation* (1982)— e mais de 200 artigos publicados nos EUA, Europa, América Latina e China. Gracia editou dezenas de livros sobre os temas: metafísica, hermenêutica, medieval e latinoamericana, filosofia da religião, ética e questões raciais. Foi Presidente da Sociedade Metafísica da América, Sociedade para a Filosofia Medieval e Renascentista, Sociedade do Pensamento Ibérico e Latinoamericano, da Federação Internacional de Estudos Caribenhos e Latinoamericanos e da Associação Filosófica Católica Americana. Foi o primeiro Catedrático da APA Comitê Hispânico em Filosofia e foi membro do Comitê Executivo da Divisão Leste do APA. Chefiou o Departamento de Filosofia da Universidade em Búfalo, de 1980-1986. Gracia pertence ao conselho editorial de mais de uma dezena de Revistas Filosóficas internacionais. Ele recebeu vários prêmios incluindo o prestigiado NEH Research Fellowship, além de dirigir um NEH Summer Institute e um NEH Summer Seminar. Ele está trabalhando num livro intitulado *Categorias* e editando outros textos de filosofia e cultura popular.

Professor Gracia concedeu a Aquinate uma descontraída entrevista onde nos falou do seu livro ‘Paixão e Filosofia de Mel Gibson’, sobre o aclamado filme de Mel Gibson, A Paixão de Cristo, sobre hermenêutica e metafísica, abordando a questão da individualidade, sobre filosofia da religião e claro, sobre Tomás de Aquino. A Aquinate agradece a bela entrevista com que o Professor Gracia brinda os nossos leitores.

Entrevista

1. O livro Paixão de Cristo Mel Gibson e a Filosofia [São Paulo: Madras Editora, LTDA, 2004] que o Sr. editou teve grande êxito entre os que se interessam por teologia e filosofia. A que se deve este grande êxito?

É difícil saber o que faz com que um livro tenha êxito e se venda. Os fatores envolvidos podem ser muitos. E os motivos podem variar enormemente. Obviamente há um fato indiscutível, ou seja, que as pessoas se interessem suficientemente nele para comprá-lo. Mas de que pessoas falamos? Teríamos que ver. De qualquer maneira, acredito que este livro combina várias coisas importantes. Em primeiro lugar a figura de que trata é central na cultura ocidental. Estamos falando de Jesus Cristo que é uma figura fundamental não só para aqueles que nele crêem; Jesus Cristo é fundamental para entendermos os últimos 2000 anos de nossa história. Em segundo lugar, os temas de sua paixão são universais e profundos. Se o livro trata de alguns temas que são particulares, como de quem é a responsabilidade pela morte de Cristo, a razão pela qual sofreu e morreu na cruz, e a questão do anti-semitismo. Mas o livro também nos apresenta temas universais que tem a ver com o sofrimento, a crueldade, a opressão, a injustiça, e a verdade. Em terceiro lugar, o contexto em que se apresenta o livro e trata destes temas é extremamente impactante e controvertido, o filme de Gibson. Por último, o livro toma uma perspectiva filosófica, onde não se busca defender uma mensagem particular, mas envolver o leitor na temática do livro. A finalidade do livro é forçar o leitor a pensar e pensar com base em razões válidas para todos. Por isso incluí autores que divergem em ponto de vista, desde aqueles que são crentes fiéis a certos conhecidos ateus. Não sei se são estas as razões pelas quais o livro teve êxito, mas gostaria que fossem estas.

2. O tema da individualidade é fascinante. Pensamento e obra do Sr. trabalham muito esta questão. Qual a inspiração e motivação para trabalhá-lo?

A preocupação da filosofia desde um princípio esteve centrada no universal. Se nos remontarmos ao pensamento de Sócrates e Platão, por exemplo, vemos que é o universal que lhes preocupava. E isso porque a universalidade é o comum e a base da ciência. Ao científico interessa o particular só como exemplo do universal. A ele interessa saber que a água ferve a tal grau ou que certo remédio serve para combater a tal doença, não que esta água esteja fervendo ou que este comprimido me cure a dor de cabeça. Como muitos outros filósofos, comecei também por esse lado, com um interesse no universal. Mas logo me dei conta de que a ênfase no universal tinha como corolário que a grande maioria dos filósofos não tinham tratado suficientemente sobre o individual, sobre o indivíduo. E não me refiro ao indivíduo pessoa, senão ao indivíduo de qualquer tipo. O que faz esta pedra ser esta pedra? O que faz meu gato ser este gato? E me dei conta de que estas perguntas sobre o indivíduo. Porque a ciência serve para algo só porque os universais que conceitualiza e às generalizações a que ela chega podem ser aplicadas aos indivíduos. Além disso, me dei conta de outra coisa, que o indivíduo, em última instância, é intelectualmente inalcançável. É o que vemos e o que sentimos, mas não parece ser o que conhecemos. Porque quando conhecemos algo o conhecemos sempre em suas razões universais. Deste modo alguém pode perguntar-se, o que sou eu, quem sou eu, o que me faz ser o que sou? Estas perguntas talvez não tenham respostas, mas são as mais profundas que um ser humano pode fazer a si mesmo. Por isso, uma vez que me meti na exploração da individualidade, não pude mais sair dela.

3. Nas mais recentes publicações vemos uma constante: o tema Deus. Como nós podemos saber o que Deus significa?

Este interesse não o desenvolvi através de uma preocupação pela natureza divina ou por razões religiosas, ainda que possa parecer estranho. O desenvolvi por minha preocupação com a interpretação dos textos. O ser humano é um ser textual. Os textos orais, escritos, atuados ou de qualquer outra classe, são a base de tudo o que pensamos ou fazemos. O que estou dizendo os próprios leitores conhecerão através deste texto. E quando alguém se coloca a pensar como é possível que suceda o entendimento de textos, parece quase um milagre. Como é que você agora entende o que estou escrevendo com estes sinais no computador? Porque os sinais não têm nada a ver com o significado que têm. Poderiam ser totalmente diferentes. Qual é a ponte entre estes sinais e esse significado que estou passando a você com eles? Um mistério incrível! Mas o mistério foi primeiramente considerado precisamente com os textos que se criam ter sido revelados por uma

divindade. Assim sucedeu no mundo ocidental. Quem foram os primeiros que se perguntaram pelo mistério da comunicação através de textos? Os exegetas, tanto judeus como cristãos. Naturalmente isso me levou a perguntar pelas peculiaridades da interpretação dos textos revelados. Como é que sabemos o que Deus nos diz através deles? Eis aqui a questão. Eu creio que ao explorar esta questão entendemos melhor os pressupostos que governam, em geral, a comunicação através dos textos.

4. Na opinião do Sr. por que em nossos dias o relativismo teve grande repercussão entre as distintas correntes de pensamento?

O relativismo responde pelo menos a duas necessidades; uma é a necessidade da validação do particular e pessoal. Eu necessito que o meu tenha tanto valor como o teu, e uma maneira de fazer isso possível é dizer que não há nada absoluto, não existe valor absoluto. O teu e o meu valem igual, é só uma questão de perspectiva.

A outra necessidade é a tolerância. O mundo tem sido intolerante e opressor e se tem respeitado muito pouco o ponto de vista do outro. Elites de diversos tipos ignoraram o ponto de vista de certas minorias e mesmo de maiorias sem poder. O poderoso batizou seu ponto de vista como o ponto de vista. Esta terrível história de abuso e opressão da humanidade faz com que alguns, com toda a boa intenção, pensem que a única maneira de evitá-lo é a tolerância. Mas em que podemos fundamentar a tolerância? Certamente não parece razoável tolerar o que é falso, ou o que é mau. A solução é adotar o ponto de vista de que não há na realidade valores ou verdades absolutas, senão só pontos de vista. A solução é o relativismo. Obviamente esta é uma solução incongruente e perniciosa, mas, apesar disso, muito popular.

5. Os internautas da aquinate.net desejam saber: quem é Tomás de Aquino para o Sr.?

Para mim, Tomás de Aquino é uma das três ou quatro figuras filosóficas mais importantes que existiram. Em Metafísica, Tomás partiu da filosofia aristotélica, mas lhe deu uma volta que foi revolucionária. A doutrina mais importante de Tomás é a idéia de que o fundamento último do universo, que ele chamou Deus, é um princípio existencial e não formal. E ao ser existencial é intrinsecamente dinâmico, é um ato no lugar de uma coisa. Naturalmente Tomás disse mais do que isso. E como filósofo o que disse está cheio de clareza, é diáfano. Mas é essa intuição sobre o ser que o torna para sempre um dos metafísicos mais importantes que o mundo deu.